

# DISCURSOS FÚNEBRES DE VICTOR HUGO

Gloria Carneiro do AMARAL\*

**RESUMO:** Este artigo trata de dois elogios fúnebres escritos por Victor Hugo na ocasião da morte de dois amigos - Honoré de Balzac e George Sand. Em cada um dos discursos, Hugo adota uma perspectiva diferente: no caso de Balzac é a visão crítica que se sobressai, ressaltando a importância do autor da *Comédia Humana*; no caso de Sand, é a sua condição de mulher e a admiração do autor que estão mais presentes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Século XIX. Elogios fúnebres. Victor Hugo. Honoré de Balzac. George Sand.

A história da literatura, às vezes deixada de lado, pode reforçar elementos observados no trabalho crítico, que lida diretamente com o texto. Abrindo um ensaio sobre a poesia de François Villon, Antonio Candido chama atenção para esse aspecto da crítica literária: “Talvez devêssemos dar mais atenção aos arrabaldes do trabalho crítico. Sem prejuízo, é claro, do seu cerne, onde se localizam a análise objetiva do texto e a investigação histórica.” (CANDIDO, 2004, p.33).

No seu estilo de abertura que parece, sem muita pretensão, encetar a narrativa de um caso, de um episódio biográfico e não de um ensaio, o crítico conta como entrou em contato com o poeta francês, quase que por acaso, através de um filme de lutas e aventuras. Villon, pela própria biografia lacunar e vida aventureira, parece chamar uma abordagem neste viés.

O que me interessa é a entrada crítica periférica que pode levar a questões outras, mais centrais, mesmo através de reflexões rápidas como as que se seguem. E como primeira questão, podemos nos perguntar a que domínio pertencem os discursos fúnebres, homenagens correntes no século XIX. Podem-se inclusive lembrar aqui poemas de Mallarmé que se intitulam “*tombeau*”, sublinhando o hábito da reverência poética em relação à morte. E se Victor Hugo pronunciou

---

\* USP - Universidade de São Paulo - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo - SP- Brasil. 05508-080 - glomar@uol.com.br

vários discursos fúnebres, essa prolixidade tão própria ao poeta não vale um interesse?

A biografia do poeta é ligada a mortes dolorosas, o que o fez se voltar especialmente para o tema. Certamente a mais pungente foi a da filha Leopoldina que se afogou com o marido, logo após o casamento, em 1843. Tragédia à qual provavelmente ele alude no fim do discurso para Balzac: “*je l’ai déjà dit dans une autre occasion douloureuse*”<sup>1</sup>.

Sua própria morte causou uma comoção nacional, como mostra a multidão que acompanhou o féretro, que se pode ver na abertura do filme “*Histoire d’Adèle H.*” de François Truffaut, de 1975, com Isabelle Adjani<sup>2</sup>.

O discurso fúnebre que proferiu Émile Augier, designado pela Academia Francesa para tal, não faz jus nem à figura, nem à obra de Victor Hugo. Embora tenha havido outros, chama a atenção este, por ter sido o orador designado pela Academia.

Mas o fato é que a morte da grande figura literária, cultural e midiática, para usar um termo moderno do século XIX continua a assombrar o universo literário francês. Em agosto de 2015, Judith Perrignon (1967-), jornalista e romancista, lançou um romance *Victor Hugo vient de mourir* (Ed. L’iconoclaste) sobre a morte e o enterro do poeta, atestando o interesse contemporâneo pelo tema. O romance da jornalista, que trabalhou entre 1991 e 2007 para o jornal *Libération*, ganhou o Prêmio literário Jean-Jacques Rousseau, criado em 2010 especialmente para obras biográficas ou autobiográficas, o prêmio Revelação da SGDL, o prêmio Tour Montparnasse e foi selecionado para os prêmios Décembre, Renaudot e Femina. Entre outros elogios, Jérôme Garcin da revista *Le Nouvel Observateur* ressalta o aspecto “surpreendentemente” contemporâneo com que Perrignon tratou o tema.

E para desmentir a escritora premiada, podemos afirmar que Victor Hugo não “acabou de morrer” e continua vivo, despertando interesse, atestado, por exemplo, pelo evento que originou as presentes publicações sobre sua obra. Obra diversificada, composta de poesia, romance, teatro e de discursos aos amigos que partem.

O discurso que Victor Hugo proferiu quando da morte de Balzac tem dois pontos centrais: a dor diante da morte e a percepção crítica arguta que o poeta mostra em relação à obra do romancista. Pelo menos duas frases tornaram-se antológicas na fortuna crítica do romancista. Uma, em bela imagem, traça um

---

<sup>1</sup> Todas as citações do discurso para Balzac estão em Victor Hugo (1971, p.326).

<sup>2</sup> Confira *Histoire...* (1975).

balanço da sua existência: “*Sa vie a été courte, mais pleine; plus remplie d’oeuvres que de jours!*” De fato, um dos aspectos que mais impressionam na obra de Balzac é a capacidade extraordinária de ter erigido em praticamente duas décadas toda *Comédia Humana*. A outra, igualmente muito citada, reveste-se de um caráter premonitório: “*Les grands hommes font leur propre piédestal; l’avenir se charge de la statue.*”

Gostaria de lembrar outra observação crítica do poeta, desta vez sobre Baudelaire, também citada com frequência pela fortuna crítica: “*Vous dotez le ciel de l’art d’un rayon macabre. Vous créez un frisson nouveau*” (“Dotais o céu da arte de não sei que raio macabro. Criais um arrepio novo”).

A observação está numa carta de 1859, escrita em Hauteville House, em agradecimento pelo volume das *Flores do Mal*<sup>3</sup> que lhe fora enviado pelo autor. Acrescento como mais um momento em que se pode acompanhar a percepção crítica de Victor Hugo que detecta o novo na poesia baudelaireana e exprime-o em bela imagem poética.

Nas duas páginas do discurso, Victor Hugo levanta os pontos essenciais da *Comédia Humana*<sup>4</sup>. Considera Balzac um escritor revolucionário, que capta a sociedade moderna, através da observação ligada à imaginação, em obra de grande unidade.

Mais detalhadamente, outras observações remetem a alguns romances em particular. Quando o poeta diz que nesse livro “maravilhoso” (refere-se ao conjunto da *Comédia Humana*), a civilização contemporânea tem alguma coisa “*d’effaré et de terrible mêlé au réel*”, como não pensar em *La fille aux yeux d’or*, que se abre numa descrição bastante realista de Paris, continuando numa intriga cheia de surpresas e de desenlace surpreendente, sobre o qual nada diremos para – usando uma palavra recentemente posta na moda – não dar um *spoiler*.

Ou quando Victor Hugo fala em “*il fouille le vice, il dissèque la passion*” – lembramos de Gobseck, o usurário, de facetas surpreendentes como dar conselhos a um Derville, digamos, quase imberbe, ajudar o jovem Restaud e morrer bem idoso, apegado ao seu ouro, imagem icônica na literatura.

Numa leitura mais atenta, algumas expressões utilizadas despertam interrogações. O primeiro parágrafo termina com a frase que se segue: “*Aujourd’hui, le deuil populaire, c’est la mort de l’homme de talent; le deuil national, c’est la mort de l’homme de génie.*”

<sup>3</sup> Confira Baudelaire (2012).

<sup>4</sup> Confira Balzac (1963).

A diferença entre o popular e o nacional, entre o talento e o gênio, parece bastante sutil e não será explicitada ao longo do texto. Imagens que ressoam fortes e se coadunam com a retórica oratória? A palavra “*génie*” aparece mais duas vezes – “*les ailes visibles du génie*”, “*ceux qui ont été des génies*” – sem que se explique até onde vai o talento e onde começa o gênio.

O estilo do discurso é característico de Victor Hugo e se coaduna bem com o tom laudatório e solene que convém à situação.

A primeira referência ao nome de Balzac se faz em ecos retumbantes, em estilo e gosto muito hugoanos: “*Messieurs, le nom de Balzac se mêlera à la trace lumineuse que notre époque laissera à l’avenir.*”

Em pelo menos um momento, o entusiasmo leva o orador a desdobramentos um pouco prolixos: “*Hélas! ce travailleur puissant et jamais fatigué, ce philosophe, ce penseur, ce poète, ce génie, a vécu parmi nous de cette vie d’orages, de luttes, de querelles, de combats, commune dans tous les temps à tous les grands hommes.*”

E talvez caiba se perguntar: “*cette vie d’orages, de luttes, de querelles, de combats*” é a biografia de Balzac ou aplica-se mais exatamente à vida do próprio Victor Hugo, que se exilou, foi deputado e que, mesmo fora da França, participava da vida política?

Podemos contrapor a este discurso fúnebre, outro, escrito por ocasião da morte de George Sand, em 1876, portanto 26 anos depois, lido por Paul Meurice, em Nohant.

Algumas figuras atuam nos bastidores e se tornam pouco conhecidas. É o caso de Paul Meurice (1818-1905), por exemplo, romancista e dramaturgo. Torna-se frequentador, com Auguste Vacquerie, da Place Royale, residência de Hugo, após terem ido a uma apresentação de *Marion Delorme*. Foi o articulador da publicação de *Les Contemplations* (1856)<sup>5</sup>, procurando driblar a censura do regime de Napoleão III e também do lançamento de *Os miseráveis*<sup>6</sup>. O biógrafo André Maurois (1954, p.455) o chama de “*le fidèle Paul Meurice*” e considera os dois amigos, Auguste e Paul, os “representantes” de Hugo em Paris. Quando do falecimento de Mme. Hugo, os dois acompanharam o esquife até Villequier, pois o poeta continuava exilado e não podia entrar em solo francês. Quando volta do exílio, o poeta se hospeda na casa de Paul Meurice (MAUROIS, 1954).

---

<sup>5</sup> Confira Hugo (2020).

<sup>6</sup> Confira Hugo (1947).

É ilustrativo voltar-se um pouco para o texto em homenagem a George Sand, que, elaborado para circunstância análoga, é norteado por um espírito que me parece diferente, não tão centrado numa visão crítica da obra. Hugo destaca a condição de mulher de Sand: a palavra “*femme*” aparece sete vezes. Fala, inclusive, em “*génie de la femme*”. Aliás, é a única vez em que a palavra “*génie*” aparece. No discurso a Balzac, aparece duas vezes e está ligada à obra. Os verbos que expressam seus sentimentos em relação à escritora são de caráter afetivo: “*aimer*”, “*admirer*”, “*vénération*”. Concentra-se a homenagem no lado humano de George Sand e na sua bondade. Ao compará-la com outros escritores, diz que ela tem “*un grand coeur comme Barbès*”, “*un grand esprit comme Balzac*” e é “*une grande âme comme Lamartine*”<sup>7</sup>. Nada fala sobre sua obra literária, dizendo apenas que é inútil enumerar suas obras-primas, o que soa muito vago. Acrescente-se que uma imagem que aparece duas vezes é o bater de asas, alusão a um anjo.

É fato que a obra de Balzac tem um lugar de maior relevo na história da literatura; mas seria só isso? Fica a pergunta, de resposta não tão evidente: essas diferenças devem-se ao fato de que Victor Hugo não apreciava especialmente a obra de Sand, revelando uma visão condescendente da escritora ou devem-se à condição feminina da escritora?

Os dois discursos podem entreabrir uma cortina para um aspecto da obra de Victor Hugo: a sua visão crítica sobre seus contemporâneos.

### VICTOR HUGO'S FUNERAL SPEECHES

**ABSTRACT:** *This article deals with two funeral addresses written by Victor Hugo on the occasion of the deaths of two friends - Honoré de Balzac and George Sand. In each speech, Hugo adopts a different perspective: in the case of Balzac, it is the critical view that stands out, emphasizing the importance of the author of the Human Comedy; in Sand's case, it is her condition as a woman and the author's admiration that are the most present elements.*

**KEYWORDS:** *19th Century. Funeral addresses. Victor Hugo. Honoré de Balzac. George Sand.*

### REFERÊNCIAS

BALZAC, H. de. **La comédie humaine**. Paris: Gallimard, 1963.

BAUDELAIRE, C. **Les fleurs du mal**. Édition établie par Jacques Dupont. Paris : Flammarion, 2012.

<sup>7</sup> Confira Victor Hugo (1971, p. 329).

Gloria Carneiro do Amaral

CANDIDO, A. Crítica e memória. *In*: CANDIDO, A. **O albatroz e o chinês**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004. p.33-42.

HISTOIRE d'Adèle H. Réalisation: François Truffaut. Acteurs: Isabelle Adjani, Bruce Robinson, Sylvia Marriott, 1975. 1 videocassete (94 min), son., color.

HUGO, V. **Les contemplations**. Présentation, notes d'Esther Pinon. Dossier, chronologie, bibliographie de Sylvain Ledda. Paris : Flammarion, 2020.

HUGO, V. Actes et paroles. *In*: HUGO, V. **Œuvres complètes**. Édition publiée sous la direction de Jacques Seebacher assisté de Guy Rosa. Paris : Robert Laffont, 1971. Bouquins.

HUGO, V. **Les misérables**. Paris : Flammarion, 1947. 4.v.

MAUROIS, A. **Olympio ou la vie de Victor Hugo**. Paris: Hachette, 1954.

PERRIGNON, J. **Victor Hugo vient de mourir**. Paris: Pocket, 2017.

